

## A CONFRARIA

ICARO

**Francisco de Morais Mendes**

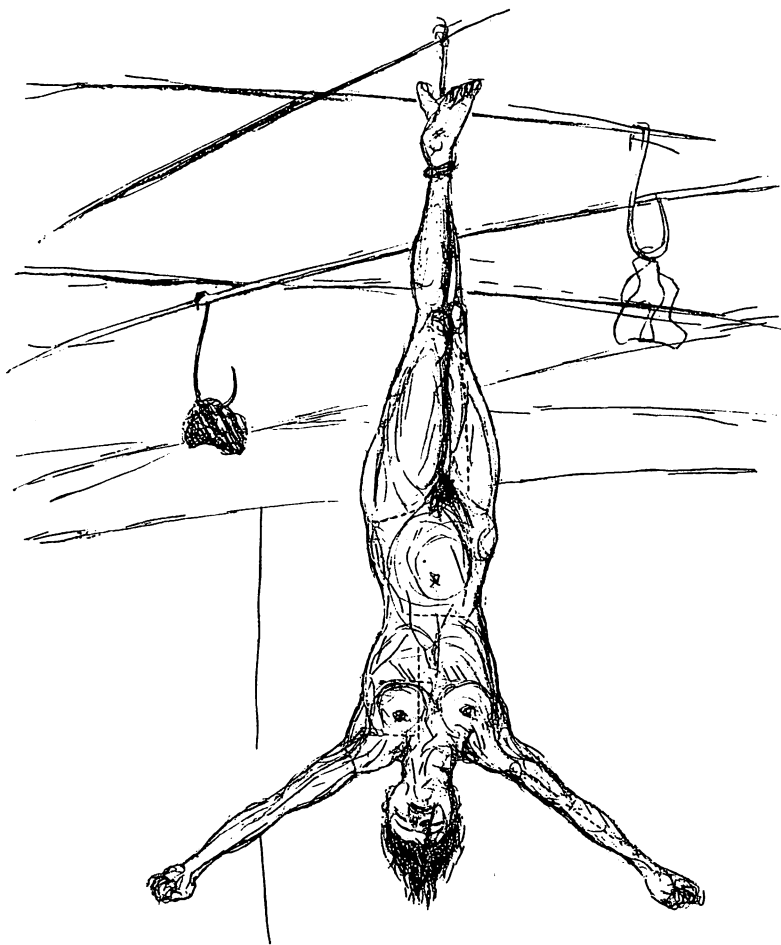
Curso de Comunicação Social — FAFICH

Minha mãe me disse certa vez, entre lágrimas, que se eu me descontrolasse, estaria perdido. Não perdi o controle sobre mim, mas sobre eles, o que vem a dar no mesmo quanto a minha perdição. Amargamente certa minha mãe.

Minha memória nunca precisou datas. Sempre comi carne crua. O que perde na infância meu primeiro pedaço. A convivência social me obrigou a aceitar a carne mal-passada, única forma tolerável de suportar o flagelo. A vida social não é feita senão de concessões estúpidas e autoflagelo. Sei como são tensas as pessoas obrigadas a variar de talher numa mesa. A sensação que se tem é a de que não se alimentam, apenas cumprem tedioso ritual.

A carne assada sempre me provocou engulhos. Uma vez, almoçando em casa de parentes — hábito odiável a que me obrigavam — adoeci, subitamente, à mesa. Minha mãe levou-me para casa, menino indefeso, e deixou que me satisfizesse. Enquanto eu comia com as mãos um pedaço de carne, ela percebeu em meu olhar algo que traduziu como voracidade animal. Foi quando disse que, se eu me descontrolasse, estaria perdido.

A simples idéia de carne crua, muitas pessoas esboçam um vômito. Em toda minha vida, encontrei cinco e apenas cinco pessoas, nenhuma mulher, que viam prazer no mesmo hábito. No dia em que inaugurei o sítio, selamos um pacto e fundamos a Confraria.



Minha perdição é consequência de um erro que não percebi a tempo. Líder natural, exerci fascinante autoridade, sem excessos, sem leis. Uma liderança tão sutil que não chegava a ser percebida. Nunca poupei esforços quanto a procurar a melhor carne, como sempre evitei que houvesse faltas.

Nos fins de semana, reunimo-nos religiosamente. Para isso, foi preciso que o Mário rompesse um casamento de doze anos. O Genaro também deixou para trás família e estabilidade. Mostrei-lhes que fora do prazer não há salvação. Minha serena liderança nunca sofreu restrições, exceto nas vezes em que o César tentou propor sugestões ao preparo da carne. Discordamos quanto ao sangue. O César sempre quis que experimentássemos. Não suportou sequer o cheiro.

Quis compreender o César, supondo que os homossexuais tenham preferências diferentes das nossas. Aparentemente, nada revelava isso. A única diferença sensível estava no fato de que a energia que fazemos fluir em ferrenhas lutas corporais, ele a transubstanciava em sensualidade. E uma pergunta que não consigo responder é se a carne crua provoca nas pessoas uma tendência homossexual. Não vejo em mim nenhum impulso nesse sentido e meu hábito não é posterior ao do César, herdado do pai. Mas o Mário e o Caio, depois da Confraria, passaram a demonstrar as mesmas inclinações do César. Cheguei a crer que fosse apenas uma questão de convivência.

É provável que aí esteja o erro que procuro. Nesse emaranhado de dúvidas, a única certeza que tenho é a de que agora são três contra três, mais o fato de que o Júlio e o Beto, que como eu continuam desejando apenas mulheres, começam a concordar com o César num ponto: quando me acusa de conservador, de homem que limita e disciplina seus prazeres.

Há duas semanas, o César propôs provarmos a carne humana. Um calafrio mórbido percorreu minha recusa. Jamais tal ato me passou pela cabeça. Voto vencido, trouxeram uma moça. Sem sangue, exigi. Deixamos o corpo de cabeça para baixo, para escorrer.

Não foi a melhor carne que já provamos, mas admitimos todos que não era de se desprezar. O seio foi nossa decepção, massa gordurosa e sem sabor. Mas os músculos são indiscutivelmente ótimos.

«Nunca me neguei a fazer concessões aos hábitos sociais. Por uma razão muito simples. Quando alguém fere o pacto social,

toda a humanidade se arvora, animaisicamente. Vejam a fúria com que se lançam os promotores no desejo de imputar a maior pena. Há pouco tempo, eu estava num frigorífico. Dois sujeitos, que também escolhiam carne, conversavam. Um dizia ao outro que um seu amigo era ótimo promotor porque no ano passado tinha aplicado, no total de penas, seiscentos anos de cadeia. Os justos se tornam sanguinários ao menor pretexto. Queiramos ou não, cometemos um crime. A sagrada ira humana se lançará sobre nós. A polícia vai descobrir isso, mais cedo ou mais tarde. Pagaremos caro nossa concessão ao prazer.»

Meu discurso é em vão. O César não pensa assim. Propõe que agora provemos a carne de um homem. Concorda comigo que arriscamos. Para evitar isso, quer o sacrifício de um de nós. Tento dizer que ele está louco. Suas palavras se sobrepõem às minhas. E dessa vez com sangue, decide. Relutante, tento me opor. Mas a voracidade animal a que minha mãe se referia é a única maneira que encontro para explicar o olhar do César e dos outros. Principalmente do César. Em direção a mim.